

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS

VOL. II



SOBRE A FLORESTA
E O REINO ANIMAL

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-71302-2
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

FEITIÇO, POR ADRIANA MARTINS TIJS, PÁG. 05

GUARDIÕES, POR ADRIANA MARTINS TIJS, PÁG. 09

JURUMAIA, POR B. B. JENITEZ, PÁG. 13

A FOCA, POR EMMANUELLA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO
IMBELLONI, PÁG. 18

NAS ENTRELINHAS DA MATA, POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA,
PÁG. 20

O VALE DA RAIZ AMARGA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 23

O RATO DO CAMPO EMPALHADO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 27

A PATA DA RAPOSA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 31

CANTA, MEU SABIÁ!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 36

CUIDADO COM O HOMEM MAU!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 38

ENCANTO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 43

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



**CONTOS E POEMAS SOBRE A
FLORESTA E O REINO ANIMAL
VOL. II**



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Feitiço

Por Adriana Martins Tijs

Escritora e poeta Catarinense, Florianopolitana nascida em 1970, desde os 11 anos apaixonada por literatura, começou a escrever na mesma época poemas e contos.

A escritora é membro da ACPCC – Associação de Poetas Contistas e Crônicas de Florianópolis.

Acadêmica da ALP Academia de Letras de Palhoça.

Acadêmica da ANCLA Academia Nacional Cultura Letras e Artes.

A autora será empossada na ancla em junho/2023 e na ALP em maio/2023.

Gralhas circundam o vento,
Vozes permeiam, assombram...
Brumas saudosas, entoam cânticos
Ensurdecendo o poente
Uma maldição caminha no compasso
distorcida pela teia nivelada no clamor íncrito da aranha,
faceira, certa, fatal!
O tempo, sacerdote do universo
Conjura lamúrias no soluçar do fogo,
Numa dança ínfima, perpétua!
Nuvens disformes encobrem o luar,
Num eclipse efêmero, ao adentrar da noite...
Feiticeiras corrompem a melodia apática
Sem o desejo de ter... de viver
Comprometido o sereno, revida a dor
Resvalando na relva passo a passo,
destoando a cor
No jardim de rosas negras,
Murmuram palavras toscas
Na face do tempo folhas putrefatas
Vagueiam intrépidas numa crença herege
Cavalcando o alvorecer, compadece destoando a maldição
Benzedeiras ocupadas numa humilde oferenda
Uma batalha desbravada com a fé austera
Onde a fumaça se dissipa, na falácia das fadas.
Aquele que chora, permeia o abismo
Recluso na mente insana
Memórias contundidas por um momento vago
Lágrimas cambaleiam desfalecendo na face.
Crânios, delírios emergem com os raios enfurecidos

Um descontentamento simplório, deteriorados pela larva insalubre
Embragado, desatento no tempo o feitiço se desfaz.
Tempo instável, confundido pela criatura vivida
Gritos! Gemidos! Afrontam o silêncio
Ocultos os sentimentos espreitam a dor.
Convocado o sorriso apático
Um estranho ardor inválido
Um estupor que aviva o brilho do fogo
nas chamas, o frio cálido trepida nos ossos,
escarnecendo desvairado.

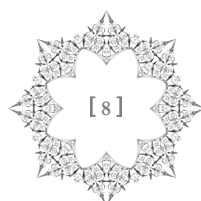
Gárgulas ressurgem infectadas
Indigentes, viúvas, curandeiras, extintas
Enobrecendo o novo dia
Colecionando os momentos
Vozes difundem numa ovação
Desinteressado o tempo repassa a imagem
Dilatando o poente
Com seu manto a névoa, assume o controle
Deliberando com as estrelas;
Em objeção o luar enaltece o uivar da luz
Uma anarquia onde lobos algozes destoam a cena
Um uivo desconcertante... insurge no momento
Petrificados ante o medo
Feéricos da floresta ocultam a dor
O sangue efervescente do crepúsculo
Agoniza o horizonte

A solidão flui energizada
Um extinto soneto
Raro, cobiçado tesouro

Refuta no passado a pálida manhã

Onde o sol aprisionado

Desnuda gotas no orvalho.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Feitiço

Por Adriana Martins Tijs

Escritora e poeta Catarinense, Florianopolitana nascida em 1970, desde os 11 anos apaixonada por literatura, começou a escrever na mesma época poemas e contos. Publicou o livro Poema ao Poente. A escritora é membro da ACPCC – Associação de Poetas Contistas e Crônicas de Florianópolis.

Acadêmica da ALP (Academia de Letras de Palhoça), ocupante da cadeira de número 4, tendo como patrono Jorge Lacerda. E na ANCLA (Academia Nacional Cultura Letras e Artes), ocupante da cadeira de número 17, tendo como patrono também Jorge Lacerda.

A lua cheia ressalta nosso lado obscuro
Algo acontecerá!
Ah! A espera
Que espera!
Impaciente, agonizante!
Criado a própria sorte, acreditando no sonho
Contemplo está linda lua!

Leais! As estrelas, recitam seu brilho ao luar
cultuando seu esplendor ...
O vento distrai os elementos
deste sortilégico anoitecer
vagando pela copa das árvores

O luar historiador do tempo
refuta as nuvens, viajando pelo universo
delegando a elas suas lágrimas.
A brisa guardiã, galanteia as galáxias
suspirando serenamente

Morto o tempo,
último sobrevivente da linhagem
passou do delírio do passado, para o presente
tropeçando na relva
balbuciando lamúrias ao negror noturno

Uma aventura compensada na distração, descompensada!
Numa convenção deveras confusa

reconfortada pela ausência de convidados

Hereges!

Convidados estes, surreais

Bruxas, lobisomens e vampiros

gargalhando noite adentro

revezando gritos cadavéricos

enfrentando ousadamente o passado

Numa fusão de sentimentos

pequenos detalhes declamam o poema da noite...

No estalar dos galhos, numa dança descompassada

o destino, mausoléu, leal ao tempo,

sente no coração uma vertente coabitando com a saudade

Pássaros inclinam suas asas,

Numa revoada, convergindo noite adentro;

No preparo de iguarias

Nicéas destilam o brilho obscuro da trama

Atacadas pela presunção do futuro, estrelas gritam!

Na suspeita de um desencontro

Alarmado! O tempo parte

encerrando a cena

fechando as cortinas do anoitecer.

Inquieto o boitatá serpenteia

floresta adentro, corrompendo o ruído do vento

Agindo por instinto o luar persuade a luz

estreitando o caminho
para o massacre do momento
regurgitando esta imagem vil

O tempo
Irremediável, achava que o tinha perdido
apareceu inesperadamente neste lugar disforme;
Inebriado pela beleza das ninfas
Agiu com amor e medo, despreparado, descompensado

Este tempo arruinado, desconsolado
Se despiu do momento
cansado de viver histórias de outros,
deixando no passado os devaneios
Decidido! Escreve sua própria história
E o tempo faz do seu tempo
Uma pintura inacabada.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Jurumaia

Por B. B. Jenitez

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado (livre-docente) no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol... (2014), Demiurgo: Deus e Acaso (2020), Projeto Mulah de Tróia 2 (2020) e Ágatha em todo lugar ao mesmo tempo (2023). Participou de várias antologias tais como Antologia Asimoviana (Arkanus Editorial), O Livro da Ficção Científica Brasileira (Madrepérola) e Almas Fabricadas (Madrepérola).

Juramaia acordou em sua toca, pronta para mais um dia de trabalho. Limpou um pouco o ninho dos pequenos bebês, que gemiam e abriam as boquinhas pedindo leite. Ofereceu-lhes as pequenas tetas, deitada de lado, até que os pequenos se satisfizessem. Só então se dispôs a sair da toca e encarar a floresta.

O mundo era enorme, a floresta extensa e as árvores incrivelmente altas. Bom, devemos lembrar que Juramaia tinha, do rabo ao focinho, apenas dez centímetros de comprimento. Mas ela precisava enfrentar o mundo, em busca de alimento. Tão pequena assim, Juramaia poderia ser alvo dos pequenos dinossauros que habitavam a floresta. Para escapar e sobreviver, a espécie de Juramaia havia há longo tempo desenvolvido uma adaptação evolucionária: as garras em suas patas a faziam uma hábil escaladora de árvores, afastando o perigo da maior parte dos dinos.

Mas não de todos. Era importante Juramaia ficar de olho nos tais dinos plumados, que planavam ou mesmo voavam entre as árvores. Mas Juramaia era esperta. Qualquer sinal de um dino voando, de uma sombra planando sobre as árvores, fazia com que Juramaia se escondesse atrás de um galho ou de folhagens. Juramaia, mesmo em pleno final do Jurássico, dominado pelos dinos, era uma sobrevivente. Na verdade, se pudesse contar os anos até seus descendentes humanos, ela saberia que sua espécie surgira há 120 milhões de anos. E que, em breve, aos 65 milhões de anos antes da humanidade, os dinos todos iriam se extinguir, abrindo inúmeros nichos ecológicos para seus descendentes.

Mas é claro que Juramaia nada disso sabia. Sua vida era uma rotina entre caçar vermes e insetos nas árvores e produzir leite para seus filhinhos. Ela não podia se perguntar qual o sentido da vida, mas se tal fosse possível, ela diria: “Ora, comer, beber, cuidar da toca e dos filhos”. Uma resposta muito parecida que seus longínquos descendentes, que dominavam o mundo, poderiam dar. Não, não os humanos, mas seus descendentes em maior número: ratos e ratazanas.

Naquele dia, quando Juramaia estava retornando para a toca, algo espetacular aconteceu. Um bólido brilhante, enorme, cruzou os céus. Juramaia não viu o bólido diretamente, mas sim seu clarão. E logo em seguida um terremoto aconteceu, o que assustou muita a pequena Juramaia e a fez se preocupar com seus filhotes. Correu para a toca com ansiedade e mesmo medo.

Mas felizmente a toca havia resistido, e os filhotes estavam acordados, mas bem. Juramaia os acolheu em seu peito e lhes forneceu uma rodada extra de leite. Mas percebeu que a parte do céu que podia ser vista pela entrada da toca escureceu de repente. E a partir daquele dia, o céu se mostrava escuro, o sol não mais podia ser visto. A vida tornou-se muito dura, as plantas, que precisavam do Sol, começaram a morrer. Então morreram os animais que comiam plantas, e os animais que comiam esses animais.

Mas a pequena Juramaia não desistiria de lutar pela vida. Afinal, tinha que criar os pequenos, que ainda eram indefesos. Lutaria e viveria, não apenas por si, mas pelos seus filhotinhos. Nunca pergunte para uma mãe com bebês se vale a pena viver, se talvez na fome não seria melhor desistir e morrer. OK, talvez você possa perguntar isso para uma mãe humana, dado que os humanos são bem complicados. Mas não pergunte isso a uma Juramaia ou uma ratinha.

Os dias se passaram, e Jurumaia notou algo estranho. Ela esperava que o verão estivesse chegando, com uma mistura de sol e chuvas. Mas nada disso ocorreu. Era como se o inverno estivesse chegando, com um frio cada vez maior. O céu sempre cinzento, sem nenhuma luz, fazia com que as árvores morressem naquele frio. Jurumaia, em suas explorações diárias, encontrava cada vez menos vermes e insetos para se alimentar.

Jurumaia não vivia sozinha, tinha muitas amigas por sinal. E todas estavam preocupadas com aquela falta de luz e o frio fora de hora. Os pequenos filhotes haviam crescido e já podiam se agarrar no pelo da sua mãe. Então Jurumaia decidiu, junto com suas amigas, em um bando de cerca de duzentas mães, emigrar daquele lugar em busca de uma terra com sol e alimentos.

Jurumasa e Jurumita eram suas duas melhores amigas. As três conversavam todos os dias na entrada das tocas:

— Este frio não está certo — disse Jurumaia.

— Sim, depois da estação de ter filhos tem que ter a estação quente da luz — Concordou Jurumasa. — Se não, como vamos alimentar nossos filhos?

— Mas não é isso que está acontecendo agora — completou Jurumita. — Este frio já está durando muito, e os alimentos desapareceram. Não podemos continuar morando aqui.

As três fêmeas eram as líderes de seu bando. Reuniram as cerca de duzentas fêmeas e decidiram partir para o sul. Acolheram alguns machos jovens, filhos da geração

passada, para acompanhá-las. Já os machos mais velhos não pareciam entusiasmados para emigrar.

As duzentas fêmeas fizeram uma fila, com filhotes agarrados às suas costas, e começaram a árdua caminhada. Faziam isso de noite e descansavam em esconderijos improvisados de dia, pois andar com luz, ainda que pouca, era muito perigoso, os dinos estavam muito famintos.

Para uma fêmea de dez centímetros, caminhar um quilômetro equivale a dez quilômetros para um ser humano. Jurumaia não sabia quanto deveriam andar até achar uma terra melhor. Hoje saberíamos que ela teria que andar mil quilômetros em direção ao equador, ou seja, o equivalente a dez mil quilômetros para um ser humano. Uma distância quase impossível para mãezinhas carregarem seus filhotes.

Mas elas não sabiam disso e se lançaram na empreitada. A fila, encabeçada por Jurumaia, deslizava silenciosamente pela floresta morta como um riacho negro e ondulante. Toda a espécie tinha ótima visão noturna e faro perfeito. A fila andava por horas, só descansando no amanhecer dos dias cinzentos.

A viagem não foi fácil. Vez por outra filhotes eram pegos e comidos pelos dinos. Vez por outra era uma mãe a ser devorada enquanto tentava proteger os filhotes.

A espécie de Jurumaia não sabia contar, ou melhor, contava até o número usual de filhotes de uma ninhada. Se Jurumaia soubesse contar, depois de um mês de migração, perceberia que vinte mães, com suas ninhadas, haviam morrido, ou de fome ou presas de dinos. Assim, não ficava claro que haveria sobreviventes no final da viagem.

Nessa altura, os filhotes já andavam independentes, embora a falta de comida ainda os fazia depender do leite das mães. Esta, porém, estavam enfraquecidas, pois o alimento era encontrado de forma intermitente. E então aconteceu o dia do grande desastre.

A fila estava em um descampado, sem arbustos para se esconder e cheio de rochas, onde não se podia cavar tocas. Estavam muito vulneráveis, mas arriscaram ficar ali porque acreditavam que o terreno mudaria no dia seguinte. Porém, à luz do dia, cinzenta, mas ainda iluminando o terreno, surgiram no alto as silhuetas de dinos plumados. Muitos, um bando razoável. Os dinos planaram em direção à fila, que estava imóvel, tentando se camuflar, e atacaram.

As principais vítimas foram os filhotes, que fizeram o banquete dos dinos famintos. Algumas mães sucumbiram, mas outras conseguiram se defender usando as garras pontudas. Mas foi uma carnificina. Dos filhotes sobraram um décimo. Das mães sobraram

a metade. O cair da noite salvou o bando, ou talvez fosse o fato de que os dinos ficaram saciados. Nesta noite, Jurumaia reorganizou a fila e incentivou-a a avançar bem rápido, para saírem daquele terreno. O pequeno rio negro ondulante, agora bem menor, finalmente chegou em um terreno mais seguro. Cavaram tocas de forma apressada, mas conseguiram que no dia seguinte os dinos plumados não as encontrassem.

E assim, depois de uma longa peregrinação no deserto e muito sofrimento, Jurumaia e suas irmãs chegaram a um vale verde e protegido. Era a Terra Prometida que o Senhor havia lhe dito: “Sai da casa de seus pais para o lugar que lhe indicarei. Eu multiplicarei seus descendentes, e habitareis em toda a Terra para sempre”.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A Foca

**Por Emmanuella de Albuquerque
Maranhão Imbelloni**

Graduada em Letras, modalidade Português e Inglês, pela Universidade Católica de Pernambuco em 2012, atuou em atividades de docência supervisionada em Língua Portuguesa nas escolas públicas do Recife e concluiu o curso de Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco em 2021. Atualmente é servidora pública pela Prefeitura de Jaboatão, onde leciona Língua Portuguesa, e faz o curso de Pós-graduação de Escrita Criativa pela Universidade Católica de Pernambuco.

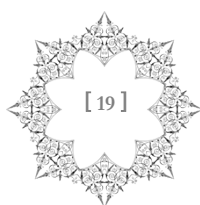


Com as suas nadadeiras em forma de remo
Sai em busca de oportunidades ao ermo
Mesmo que o seu corpo hidrodinâmico
Se surpreenda com as águas frias arrítmicas.

É porque, a despeito de ser ótima mergulhadora,
Ela precisa obedecer ao vai e vem das marés
Desencadeadoras de intempéries, dissabores e horrores
Malfeitores, legisladores e consumidores.

O perigo que as águas podem trazer é, todavia, acalentado
Pela substrato sólido, porto seguro para o descanso aventado
Da Monge-Havaiana, ocupada com as suas dobras na cabeça
É a vida que requer uma densa camada de gordura que a favoreça.

Antes de retornar à água, afia os seus dentes
Após as lições agradáveis da estrela-guia providente
Tudo para tornar-se mais leve, apesar do seu peso
Até que ela consiga esquecer o fardo de ser duas em uma.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Nas Entrelinhas da Mata

Por Mirian Menezes de Oliveira

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA – Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.



Na tarde dourada e fria, entreguei-me à desejada viagem, inspirando-me nos povos antigos, pisando o chão com as sandálias batidas, fixando o olhar em atitude contemplativa, sem nada perder de vista...

Olhos no chão... olhos nas nuvens... olhos na rua...

Brisa suave... poeira sobre os pés congelados...

Loucura total!

Na tarde, paradoxalmente, “incandescente” e gélida, “experiei” a contradição típica de nossos tempos; ensaiei vários passos, rumo à Terra Prometida, sem quase sair do lugar. Minha bússola foi direcionada pela rota dos pássaros e, assim, pude ouvir os diferentes cantos de maritacas, pardais e bem-te-vis.

Atraída pelo crepúsculo, respirei profundamente, com o olhar preso ao horizonte e, no momento de contemplação da tela “em tons de fogo”, assumi o compromisso de trilhar o “entorno que não se mostra”; pisar o chão da urbanidade e cumprimentar as espécies coexistentes.

Quem chegou primeiro? Quem ficou para trás?

Embrenhei-me, portanto, nas entrelinhas da mata atlântica, observando: fauna e flora (espécies residentes e resilientes), numa atitude de pura e simples contemplação!

A centenária figueira vigiava o banco da praça e foi lá mesmo que sentei suavemente...

Suavemente!? Talvez nem tanto!

“Poderiam me assaltar!” — triste e fiel pensamento de quem habita o mundo urbano, coexistindo no mosaico de cimento, flores e pássaros.

Com os pés congelados e o coração aquecido (inacreditável paradoxo!), observei as fascinantes espécies plantadas no asfalto, desviando-se de postes, compondo graciosas praças e concebendo “instalações” contemporâneas, sem padrões organizados de medida! A mata na cidade! A cidade na mata! Convivência compartilhada!

Nesse momento de puro êxtase, avistei muito mais do que a rotina sempre me permitiu observar: figueiras, pau-brasil, ipê-roxo, orquídeas, quase todas desviando as folhas da fiação elétrica.

— Bem-te-vi! Bem-te-vi!

Ele me viu e eu o capturei na imagem (único aprisionamento permitido!) e, alertada pelo canto deste amigo, desviei meus olhos para a pequena corruíra, que disputava minha atenção.

Tudo estava perfeito, naquela “hora mágica”, até que:

— Senhora, não é aconselhável sentar-se nesse banco de praça à noite! Há muitos assaltos por aqui! Além do mais, a senhora com essa máquina é um imã para bandidos. Para o seu próprio bem, é melhor ir embora.

Aproveitando a presença do moço, inspirador de confiança, registrei os últimos raios de sol, agradei-o pela gentileza e caminhei rumo à toca, pois os animais de duas patas possuem “domínio” sobre suas gaiolas.

In: COLETÂNEA BRASIL: DIVERSIDADES CULTURAIS, organizada por Jô M. Alcoforado, em 2017.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Vale da Raiz Amarga

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 250 contos publicados em 50 e-books e em 88 antologias. Possui 04 Romances publicados.



“Embora a Terra e a lua tenham se ido
E sóis e universos cessaram de existir
E você foi deixado sozinho
Toda existência existiria em ti.”

— Emily Brönte

O grande vale se estendia entre as duas cordilheiras de montanhas chamadas do Espinhaço, porque eram tão curvas e irregulares como a espinha torta de um gigante adormecido por séculos!

Pelas suas bandas crescia uma mata luxuriante de todo tipo de árvore e arbusto, desde carvalhos centenários até uma sequoia milenar, remanescente do tempo em que os grandes lagartos e outras coisas maiores ainda vagavam por aquelas terras.

As montanhas do Espinhaço ficavam depois do Rio Carmesim e da vasta planície de Mar, muito além do Vale Manso e das Tocas Profundas.

Seus habitantes, assim como a maioria esmagadora de criaturas que viviam naquele recanto fechado eram animais falantes, fugidos dos quatro cantos do mundo mundano por causa da vinda do Cristo Branco e de seus santos, que espantaram os deuses mais antigos e expulsaram até mesmo os pacíficos e lascivos sátiros de suas moradas.

Pelo grande vale se estendiam diversas tocas antigas, onde habitavam texugos, castores, ratos do campo, coelhos, raposas, corujas e porcos-espinhos.

E onde caçavam lobos, ursos e gaviões famintos, sem esquecer as famigeradas corujas.

Alguns dentre estes eram o que os antigos caçadores diziam chamar-se troca-peles, ou seja podiam mudar de forma à vontade e até mesmo tomar a forma de um homem se quisessem.

Mas naquele lugar os homens não iam, não porque não sabiam os caminhos, nem porque não tentassem, pois vários caçadores tentaram chegar até aquele refúgio, mas

porque aquela terra era encantada, protegida por um encantamento muito antigo, desde a época anterior à guerra dos grandes deuses e dos titãs.

Entre suas árvores velhíssimas a mata era cenário de muitas fábulas, lendas antigas e contos de fadas.

Assim houve, num tempo em que a memória dos homens já não alcança mais, naquela terra distante e fabulosa além dos horizontes que conhecemos, um texugo que apaixonou-se por uma raposa!

As raposas naquelas matas, assim como nas que ainda restam no mundo dos homens, eram animais orgulhosos e vivazes e raramente se deixavam apanhar em armadilhas ou serem vítimas de caçadores.

Naquelas matas, as raposas ainda tinham um encanto próprio, que fascinava e mesmerizava suas presas e também podiam criar ilusões.

Foi assim que um dia de meio de verão, no crepúsculo, quando o sol corria para deitar-se em sua cama de nuvens arroxeadas no horizonte e seus raios criavam pequenos arco-íris ao redor do arco da lua que já nascia, que o texugo avistou a raposa.

Nunca uma raposa lhe parecera tão bela, com o pelo vermelho como cobre lúcido e as grandes orelhas pontudas espetando as folhas do arbusto onde se escondia.

Seus grandes olhos azuis como safiras o cativaram e ele suspirou da porta de sua toca.

Talvez aquela atmosfera quente de verão, misturada ao cheiro da palha recém colhida e do matagal seco recém deixado pelo sol, talvez isso explique o que aconteceu, talvez não!

Certo é que o velho texugo apaixonou-se pela bela e jovem raposa, mas ela, sendo jovem cria conhecer demais o mundo por onde andava e não se apegava à coisas velhas, nem mesmo um texugo.

Sendo também bela, cortejada por todos os raposos que moravam naquelas matas e até mesmo por um ou dois dos lobos mais garbosos da alcateia que ali vivia, ela desprezava tudo o que não fosse belo à sua altura, como por vezes gostam de fazer os jovens quando estão na flor da idade!

Durante todo o restante do verão e boa parte do outono o texugo a procurou para a cortejar, mas ela se escondia dele e pregava-lhe peças, deixando-o cheio de espinhos ou todo molhado.

Ele desculpava as peças que ela lhe pragava, pois estava apaixonado!

Quando porém se aproximou o fim do outono e o inverno frio veio se aproximando com suas mãos enregeladas e seu sopro faminto ela deixou de fugir dele e pareceu que havia afinal encontrado certa paz em sua companhia.

Chegaram a ser vistos juntos uma única vez, sob a grande macieira que crescia no meio do vale!

Houve porém que um caçador vindo de fora conseguiu passar pelas barreiras daquele encantamento antigo, trazendo nas mãos uma espingarda de ferro frio.

Naquele dia de início de inverno o texugo havia saído bem cedo para apanhar amoras antes que estas amargassem por causa do inverno que chegara mais cedo.

Quando já descia uma pequena colina no fundo do vale ouviu o regougar aflito de uma raposa!

Deixou cair as amoras frescas e correu em direção ao som, conhecia-o por demais!

Ao chegar à uma clareira viu que o caçador havia aprisionado a bela raposa em uma armadilha e preparava-se já para disparar o tiro fatal.

Não se conteve.

De um pulo colocou-se entre o caçador e sua presa e recebeu o tiro por ela.

O caçador assustou-se com a aparição do texugo, mas riu de sua sorte, onde antes tinha apenas uma raposa agora também tinha um texugo.

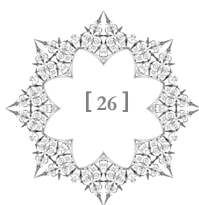
Este porém não caiu com o tiro, rosnou e jogou-se para cima do caçador com tal raiva e sanha que não houve o que pudesse salvar o homem.

Quando a raposa conseguiu livrar-se da armadilha correu para o texugo, que, ferido de morte, apenas a esperava.

Quando seus olhos a viram sorriu e dizendo-lhe adeus partiu levado pela Morte!

A raposa chorou e seu regougar lamentoso foi ouvido por todo o grande vale, ecoando nos ventos que corriam a mata!

Desde então ela tem ficado sozinha e por vezes dizem as velhas histórias que no dia que precede a primeira neve do inverso o espírito do texugo retorna para estar com sua amada!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Rato do Campo Empalhado

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 250 contos publicados em 50 e-books e em 88 antologias. Possui 04 Romances publicados.

A família de ratos do campo vivia em uma touceira profunda na mata bem próxima ao inóspito bosque de amieiros.

Eram sete ao todo os ratinhos filhos de mãe-rata, e o mais novo era o mais peralta e o que a mãe mais amava.

Gostava de fugir e meter-se em confusões desde pequeno, já levava corrida do velho lobo por puxar-lhe os bigodes e o urso cinzento quase o pegara quando fora acordado no meio do inverno frio.

A mãe-rata dizia-lhe sempre que numa ou noutra oportunidade iria meter-se em algo do qual não poderia escapar.

Mas o ratinho do campo não a escutava.

E assim foi!

Em um de seus passeios descobriu, bem afastado de sua casa, lá para a beirada da mata, a cabana de um velho caçador.

Como nunca tinha visto um homem antes, não teve cuidados e acabou preso em uma ratoeira.

O homem gostou do ratino e torcendo-lhe o pescoço, tirou-lhe a pele e o empalhou, colocando-o sobre a lareira, junto com uma velha coruja branca.

A mãe-rata o procurou durante muito tempo sem o encontrar, chorou muito pois pensou que ele havia sido devorado por uma coruja ou por uma fuinha.

Certa noite, no entanto, o espírito do ratinho do campo veio ter com sua mãe e a acordou:

— Minha Mãe, o velho caçador que vive na beira da mata me pegou, tirou minha pele e me empalhou. Meu espírito não consegue ter descanso. Preciso que vá até lá, me tire da cabana e me coloque no meio da mata para que eu possa descansar afinal!

A mãe-rata não soube o que dizer, apenas concordou com a cabeça.

Não queria, no entanto, perder o filho e foi procurar a bruxa-coruja que vivia na mata. Sabia que ela poderia ajudá-la.

Esperou por dois dias até que a lua ficou nova e desapareceu do céu.

A bruxa morava no oco de uma árvore seca e durante o dia tomava a forma de uma velha, caçando na mata, de noite transformava-se em uma grande e cruel coruja.

A mãe-rata esperou escondida do lado de fora da clareira onde ficava a árvore.

Quando chegou a noite ela viu uma velha aproximar-se do tronco, trazia nas mãos rugosas e encarquilhadas um arminho, um coelho grande e uma pequena raposa.

Jogou as presas dentro do tronco e com um passe de mágica transformou-se em uma coruja gigante de asas negras e bico feroz e pontiagudo.

Nesse instante a mãe-rata saiu de detrás de um arbusto e confrontou a bruxa.

— Boa noite, ó bruxa, tu que és tão poderosa que não teme a Morte! Liberta meu filhinho que o caçador levou!

A coruja-bruxa piou num tom sinistro.

— Nem eu sou capaz de ir contra a Morte! O que quer de mim?

— Quero a vida de meu filho de volta.

— E o que me darias em troca?

— O que me pedires! — retrucou a mãe-rata convicta.

— Se te pediste todos os seus outros filhos tu me darias? Minha fome é grande!

A mãe-rata piscou.

— Eu daria minha vida para salvar a dele!

— Muito bem! Aceito a troca! — assim dizendo a coruja-bruxa regurgitou um pedaço de osso bem pequenino e o entregou a mãe-rata — Coloque este pedaço de osso dentro da boca de seu filho e ele voltará à vida, depois venha me ver. Faça isso antes do nascer do sol ou a magia se perderá!

A mãe-rata pegou o osso e correu como o vento até a casa do caçador na beira da mata.

Chegou lá quando a aurora já começava a despontar pelo horizonte arroxado.

O lugar era terrível e cheirava a corrupção e morte, quando entrou viu vários animais empalhados pendurados pelas paredes ou em cima de estantes ou prateleiras.

Um museu de horror diante de si!

Então viu a silhueta do pequeno ratinho sobre a lareira.

Subiu e colocou o pedaço de osso dentro da boca do filho e pasmem o ratinho voltou à vida!

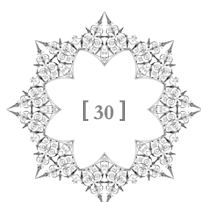
Piscou e agradeceu à mãe-rata, que colocou um dedo sobre seus lábios e disse que precisavam fugir dali o mais rápido possível.

Juntos fugiram da casa do caçador.

Quando chegaram na encruzilhada onde um caminho levava à casa da bruxa e o outro levava à sua toca, a mãe-rata parou e indicou que tomaria o caminho da casa da bruxa.

O ratinho quis segui-la, mas ela lhe contou do trato com a bruxa e pediu-lhe que fosse para casa e cuidasse de seus irmãos, pois ela não voltaria.

O ratinho, triste, retornou para casa sozinho!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Pata da Raposa

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 250 contos publicados em 50 e-books e em 88 antologias. Possui 04 Romances publicados.

A mata era larga e fechada e dentro dela os animais viviam sem nunca terem encontrado nenhum homem!

Em uma das tocas que beirava o velho urzal havia um coelho de pelo cinzento com uma estrela branca na testa, ele era manhoso e orgulhoso e se achava mais sabido que todos os outros coelhos da toca.

Sem nome era B'rer!

Ele não queria ser como os outros coelhos, queria ser poderoso e se tornar um grande caçador, pois sempre ouvia as histórias de Au'rar o urso, ou de Paut a pantera e queria ser como eles.

Mas ele era apenas um coelho!

Tentara caçar os cervos que corriam pela mata, mas eles eram mais espertos e ligeiros que ele.

Tentara caçar os langures e os pássaros que moravam nos galhos altos das árvores, mas eles sabiam pular de galho em galho e voar e eram mais rápidos que ele.

Um dia havia se deixado ficar do lado de fora da toca depois que anoitecera, para provar sua coragem em frente à noite e a escuridão.

Subitamente viu uma sombra larga e alta vir voando e pousar ao seu lado sem nenhum som.

No lusco fusco distinguiu apenas os olhos brilhantes e as garras fortes que se fincaram na terra, viu que era o velho mocho que morava no oco da árvore morta, depois do urzal.

Ali na escuridão ele não se parecia com a criatura molenga, que piscava sem parar na luz do sol, quando o coelho vinha lhe trazer pequenas frutas e nozes.

Agora era uma sombra terrível que causava um horror sem igual.

O coelho quase fugiu sem pensar.

Mesmo assim lutou para ficar quieto e perguntou:

— O que o traz tão longe de casa, velho mocho?

O mocho o olhou com olhos frios, sem piscar, e respondeu numa voz raspante.

— Estou caçando, pequeno coelho, é minha noite de caça e você é bem apetitoso.

Com o coração pulando forte o coelho retrucou.

— Ó velho mocho, como você é tão forte e caça tanto, e eu sou tão esperto e não caço nada?

O mocho riu uma risada cacarejante.

— Você não tem o instinto de caçador, pequeno coelho!

— O que é isso?

— É aquilo que faz com que eu olhe dentro da escuridão e consiga ver aquele pequeno rato do campo se escondendo entre o capim lá longe!

Com um ulo e um voo raso o mocho agarrou o rato do campo e voltou para seu lugar ao lado do coelho.

Com uma bicada certa arrancou a cabeça do rato e a engoliu inteira.

— Esse é o instinto de caçador! — explicou o mocho.

O coelho, sem demonstrar o asco que sentia ao ver o mocho devorando o rato, perguntou:

— Como posso fazer para conseguir isso?

— Não sei. As criaturas já nascem com isso ou sem isso. — explicou o mocho engolindo o que restava do rato — Algumas são caçadoras e outras são presas! É assim que é!

— Mas e se eu quiser ser diferente?

— Então talvez você deva procurar a velha bruxa que vive na casa com pernas de pássaro, lá para os lados do bambuzal preto, depois da curva do rio.

— Lá é um lugar proibido!

— Mas é lá que vai encontrar sua resposta! — finalizou o mocho abrindo as asas e revoando para longe.

O coelho ficou parado pensando. Se era assim, teria que ver a bruxa.

Esperou que a lua ficasse bem cheia, uma semana depois e saiu ao entardecer.

Caminhou pela pradaria e atravessou o bosque de carvalhos até o rio trovejante.

As águas eram turvas e teve que fazer um desvio grande para vadeá-lo, só chegou à curva do rio quando já estava escurecendo.

No lusco fusco o bambuzal negro era uma visão terrível!

Os troncos ver-escuros balançavam em uma dança fantasmagórica batendo entre si em um barulho oco e sinistro.

O ranger dos troncos era alto e o farfalhar das folhas ciciava como um ninho de serpentes.

O pequeno coelho atravessou o caminho de terra batida que cortava o bambuzal já na escuridão da noite.

Um sem número de barulhos horríveis soavam ao seu lado.

Quando chegou ao fim da trilha o bambuzal abriu-se em uma pastagem de capim alto que cheirava como grama molhada e lírios.

Bem no centro daquele lugar feérico estava a casinha da bruxa!

Era uma casinha pequena de tábuas amareladas e telhas vermelhas com uma chaminé tímida de onde saía um fio de fumaça branca.

O mais intrigante eram os pés de pássaro que sustentavam a casinha.

O coelho nunca vira nada igual aquilo.

Aproximou-se e a casinha, como se soubesse o que ele queria, dobrou as pernas e acocorou-se no chão, a porta abriu-se com um rangido alto.

O coelho subiu devagar os degraus, o medo fazia seu coração pular.

Entrou e a porta fechou-se atrás de si.

Na sua frente, no meio da pequena sala de estar, uma velha estava sentada em uma mesa de madeira vermelha tomando chá, havia uma cadeira vazia.

Com um gesto ela o convidou a sentar-se.

— Você tem muita coragem para me procurar, pequeno coelho! — riu ela, numa risada cacarejante e açucarada.

O pequeno coelho tomou coragem e falou:

— Vim perguntar-lhe como posso obter o instinto de caçador!

A velha riu-se novamente e tomou um longo gole de chá de hortelã e menta.

— Você quer ser caçador? Porque?

— Porque... na minha vila não sou ninguém. Se fosse um bravo caçador poderia livrar a vila de seus inimigos e todos iriam gostar de mim!

— A aquiescência dos outros não é uma coisa a se buscar, ela deve ser merecida. Você quer merecê-la?

— Quero! — respondeu o pequeno coelho sem pensar.

— Muito bem, eu concederei seu desejo, mas existe um preço!

— Eu pagarei o preço! — concordou o pequeno coelho num tom titubeante.

— Mesmo que o preço seja uma de suas patas?

Por um momento o pequeno coelho hesitou, depois respondeu com certeza na voz:

— Eu aceito a troca!

— Muito bem. — disse a velha bruxa tirando uma comprida faca de obsidiana cujo gume reluziu no luar que penetrava pela janela — Coloque a pata direta sobre a mesa.

O pequeno coelho colocou e fechou os olhos.

Sentiu uma dor aguda e ouviu o barulho oco da lâmina batendo na madeira, quando abriu os olhos viu o toco sangrento que lhe restava.

A bruxa levantou-se e foi até uma pequena cômoda preta no canto.

Voltou com algo grande e desgastado, era a garra de uma raposa, as unhas eram pretas e o pelo avermelhado.

Ela colocou a garra da raposa no lugar da pata do coelho e sob a luz da lua cantou palavras que jamais deveriam ser cantadas e o som das letras entrou na pata da raposa e no coto do coelho e os dois se uniram de tal forma que era como se ele tivesse nascido assim.

Os pelos se misturaram e parte de seu braço ficou coberto com os pelos avermelhados da raposa.

Um calor forte subiu pelo seu peito e uma coragem inaudita surgiu dentro de si.

A bruxa riu e guardou a pata do coelho!

— Você tem seu instinto de caçador agora! Vá e viva bem! — abençoou ela com um sopro sobre o rosto dele.

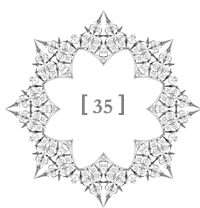
O coelho deixou a pequena casa de pés e pássaro e retornou pelo bambuzal, cruzou o rio e a pradaria e durante todo o trajeto não sentiu medo algum e nenhum outro animal o atacou.

Mesmo o velho lobo que morava em uma toca no bosque dos carvalhos afastou-se de seu caminho.

O pequeno coelho voltou para sua vila e dizem as histórias e os contos contados depois pelos texugos e pelas fuinhas que ele se tornou um grande caçador, caçando sempre os inimigos dos coelhos.

Dizem essas histórias que ele caçou até mesmo a grande pantera negra que morava na Montanha do Corvo Branco.

E quando um dia o Tempo, este ladrão, chegou para ele e suas horas passaram-se todas, e a Morte o veio buscar, dizem que ela levou também consigo a pata da raposa!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Canta, Meu Sabiá!

Por Sellma Luanny

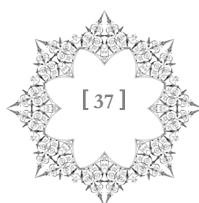
Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e sete antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Canta, meu sabiá!
Se cativo,
em gaiola, qualquer,
chora a tua dor.
Ouro e prata
não resgatam
o teu clamor.

Canta, meu encanto!
Meu irmão
de eras passadas.
Em pernas e cérebro,
eu ganho, talvez...
Mas, a glória de voar...
Ah, não sou capaz!

O teu melodioso canto,
não o merecem,
os homens de falsa fé.
Que não sabem diferenciar
o artificial e fútil
do que relevante é.

Canta no alto das árvores!
No meio da
distante floresta.
Para cá, perto
das gentes más,
não venhas.
Voa para bem longe
e não voltes, jamais!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cuidado Com O Homem Mau!

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e sete antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Cantai, pequeninos!

Ah, azulão, de um azul mais belo
que o céu e o mar, cantas a questionar!

Sabiá, de doce elegância
no porte e no cantar!

Cardeal, de exuberantes cores, penacho altivo,
ingênuo canto de plena harmonia!

Cantai, todos, mas alertas!

Aproxima-se a máquina devastadora.

Está chegando o homem mau,
que a tudo devora.

Cantai, preciosos!

Pássaro-preto, com sisuda plumagem,
a camuflar lindo e luminoso cantar!

Canarinho, amarelinho,
tens em ti uma orquestra,
que em êxtase, "conversa" a gorjear!

Encantai, todos, mas cuidado!

Vigiai o caminho.

Está chegando o perigo.

O insensível vem rugindo.

Cantai, criaturinhas!

Curió de genuína beleza
e um canto de fascinante grandeza!

Tico-tico, és um anjo
com serena e singela canção!

Bem-te-vi, encantador da minha infância,
doces lembranças sempre a assegurar!

Cantai, todos, mas longe daqui!

Inchado de tanta cobiça,
o inclemente homem

só enxerga a si.

A tudo degrada, o homem malvado.

Perante o ingrato,

vulnerável está o natural.

Só em ver, ouvir e admirar

ele nunca se contenta.

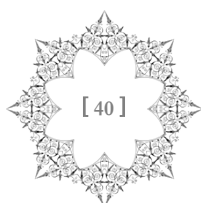
O homem quer dominar, escravizar.

Atenção com o construtor de jaulas!

Voai, fugi, passarinhos!

Aqui, tristemente, só vos esperam

sombrias gaiolas.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

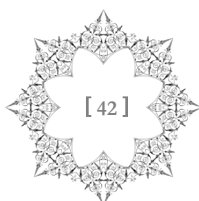
Encanto

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e sete antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

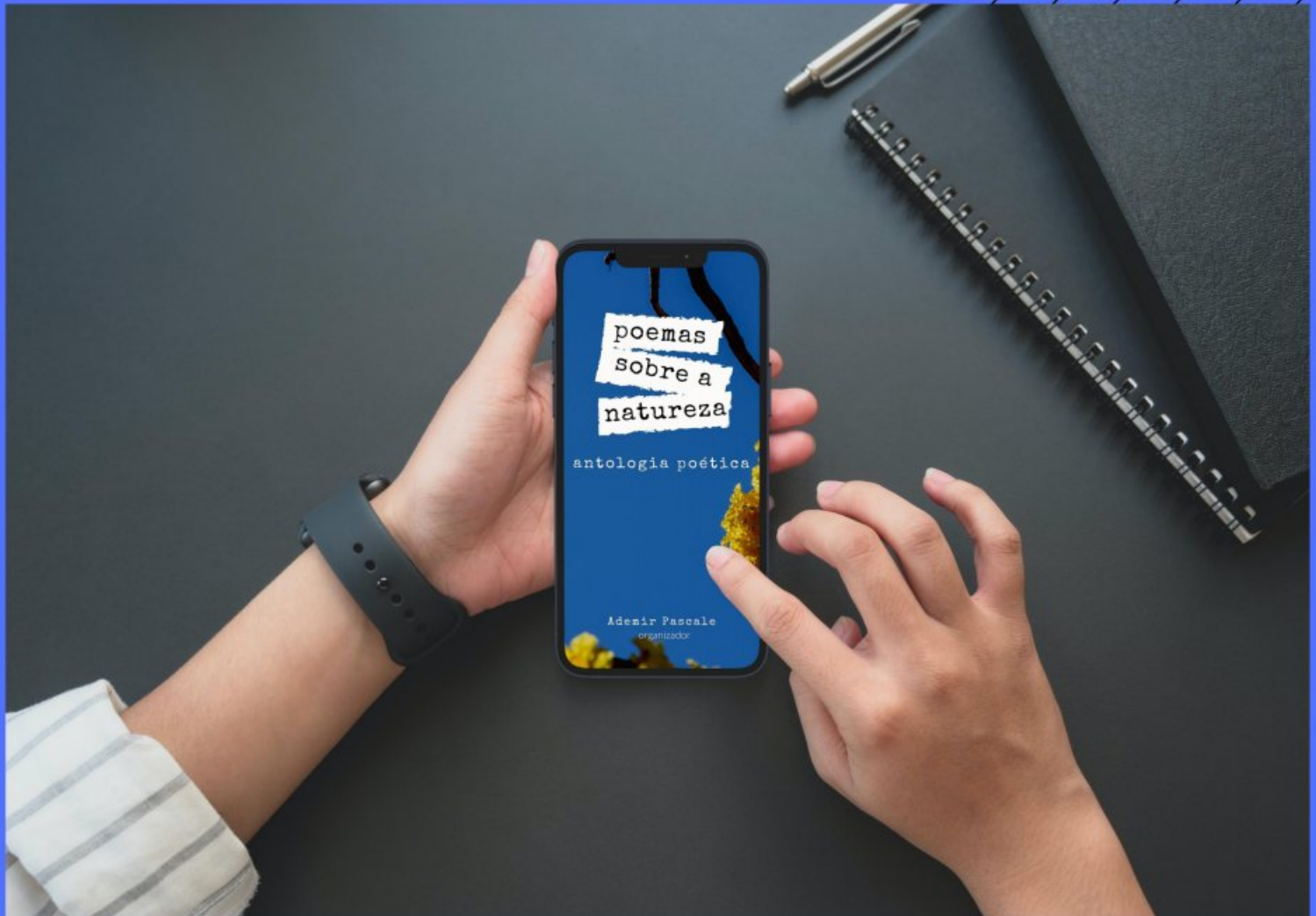
Este esplendor
de quatro patas
como um lampejo
garboso e intrepidamente
campinas e vales
varre como o vento.
Em branca espuma
correntes de cristalinas
águas ao espaço impele.
E toda a beleza
de músculos e olhos
e radiantes crinas
resplandece.

Tira-me o fôlego.
Mas de desassossego
enche-me o coração...
De olhos contidos
tristes e cativos
quando subjugado,
este primor da evolução
a servir e a sofrer.
Pena além da escrita
profundamente magoa.
E eu a aparentar tanto
e muito menos, ser.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI